

Práticas de leitura de gêneros jornalísticos no Ensino Médio: uma perspectiva Educomunicativa Decolonial

Reading practices of journalistic genres in high school: a Decolonial Educommunicative perspective

 Manassés Morais Xavier

 Priscila Nunes Brazil

Resumo: Este estudo investiga as práticas de leitura de gêneros jornalísticos no Ensino Médio a partir de uma perspectiva Educomunicativa Decolonial, focalizando as concepções de leitura dos/as estudantes no processo de criação do Jornal ITA. O objetivo é examinar como a produção de um jornal escolar pode influenciar a compreensão e a construção do conhecimento sobre leitura pelos/as estudantes. Utilizando uma abordagem qualitativa com viés descritivo, o estudo adotou um método de estudo de caso em uma escola de Ensino Médio Técnico-Profissionalizante, com participantes dos primeiros anos diretamente envolvidos na elaboração do jornal escolar. Os dados foram coletados por meio de observação participante, análise de questionários e revisão documental do jornal final. Em síntese, este estudo evidencia que as práticas de leitura de gêneros jornalísticos e a participação ativa dos/as

Manassés Morais Xavier. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Adjunto III de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CH/UFCG) e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). Email: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

Priscila Nunes Brazil. A autora compartilha da primeira autoria do artigo. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG).

tem potencial significativo para promover o desenvolvimento de habilidades críticas de leitura e engajamento com temas decoloniais.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Jornal Escolar. Ensino Médio Profissionalizante.

Abstract: This study investigates the reading practices of journalistic genres in high school from a Decolonial Educommunicative perspective, focusing on students' reading conceptions in the process of creating the ITA Newspaper. The objective is to examine how the production of a school newspaper can influence the understanding and construction of knowledge about reading by students. Using a qualitative approach with a descriptive bias, the study adopted a case study method in a Technical-Vocational High School, with participants from the first years directly involved in the preparation of the school newspaper. Data were collected through participant observation, questionnaire analysis and document review of the final newspaper. In summary, this study shows that the practices of reading journalistic genres and their active participation have significant potential to promote the development of critical reading skills and engagement with decolonial themes. **Keywords:** Reading practices. School Newspaper. Vocational High School.

Introdução

No contexto educacional contemporâneo, a integração de práticas pedagógicas inovadoras e reflexivas tem sido um ponto central para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos/as estudantes. Nesse sentido, as práticas de leitura de gêneros jornalísticos no Ensino Médio têm despertado interesse, especialmente quando abordadas a partir de uma perspectiva Educomunicativa Decolonial. Esta abordagem propõe uma reflexão crítica sobre as concepções de leitura dos/as estudantes e como essas podem ser influenciadas pelo processo de cria-

ção de um jornal escolar, como o caso do *ecossistema comunicativo* Jornal ITA.

Este artigo tem como *objetivo principal* analisar o impacto da produção de um jornal escolar na compreensão e construção do conhecimento sobre leitura pelos/as estudantes do Ensino Médio. Partindo de uma abordagem qualitativa com viés descritivo, o estudo adotou um método de estudo de caso em uma escola de Ensino Médio Técnico-Profissionalizante, onde os/as estudantes dos primeiros anos estiveram diretamente envolvidos/as na elaboração do jornal escolar.

Ao explorar as implicações da Educomunicação Decolonial na prática de leitura de gêneros jornalísticos, este artigo busca contribuir para a compreensão de como essas práticas podem promover o desenvolvimento de habilidades críticas de leitura, escrita e engajamento cívico dos/as estudantes. Ao final, espera-se destacar a relevância e o potencial dessas práticas no contexto educacional contemporâneo, enfatizando a importância de uma abordagem reflexiva e participativa no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

O estudo está estruturado com base na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), de Bakhtin (2003, 2006), que considera a necessidade do/a pesquisador/a partir de posturas dinâmica e dialógica, considerando como enunciados vivos os fenômenos da língua. Outrossim, compreender os sujeitos a partir das relações que estabelecem com o outro é base central da análise dialógica.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo baseia-se na abordagem de pesquisa-ação, com o auxílio do diário de campo como instrumento de registro. Essa escolha metodológica foi feita conside-

rando a necessidade de compreender e registrar o conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa, bem como pela pesquisadora, ao longo do processo investigativo.

A pesquisa-ação é uma abordagem que se caracteriza pela intervenção direta na realidade estudada, permitindo uma conexão mais próxima e colaborativa entre pesquisadores/as e participantes do estudo. Nesse sentido, o diário de campo desempenha um papel fundamental como ferramenta de registro das observações e reflexões durante o desenvolvimento da pesquisa (Bogdan e Biklen, 1994).

A pesquisa também se enquadra na abordagem qualitativa, conforme definido por Rauen (2002), que destaca a importância de estudos que vão além dos dados bibliográficos, possibilitando uma imersão mais profunda no contexto investigado. Essa abordagem qualitativa permite à pesquisadora acompanhar, compreender e inserir-se no contexto de vida dos adolescentes no espaço da Educação Básica, buscando enxergar os sujeitos a partir de sua própria realidade no contexto sociocultural e educativo em que estão inseridos.

Para a realização do presente estudo, os dados foram gerados por meio de um estudo de caso conduzido em uma instituição pública de ensino localizada na cidade de Itaporanga, na Paraíba. Os participantes foram dois estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, selecionados de forma intencional para compor um grupo focal entre os alunos/as envolvidos/as na produção do jornal escolar.

A metodologia adotada incluiu a observação participante como técnica principal, permitindo à pesquisadora uma imersão direta no ambiente escolar e nas atividades relacionadas à produção do jornal. Além disso, foi utilizado um questionário para coletar informações sobre as percepções e experiências dos/as estudantes em relação à leitura de gêneros jornalísticos e sua participação na elaboração do jornal escolar.

Também foram coletadas produções individuais dos/as participantes, como textos escritos, desenhos e reflexões pessoais sobre o processo de criação e a importância do jornal escolar. Esses materiais foram analisados de forma qualitativa, buscando identificar padrões, temas recorrentes e percepções dos/as estudantes sobre a leitura e a produção jornalística.

Essa abordagem metodológica multidimensional permitiu uma análise abrangente dos impactos da produção do jornal escolar na compreensão e construção do conhecimento sobre leitura pelos/as estudantes do Ensino Médio, dentro do contexto da Educomunicação Decolonial.

Educomunicação e o Jornal Escolar: a função cidadã do ensino de Linguagem

Nesta seção, trataremos da relação entre o jornal escolar e a função cidadã da escola, a partir das contribuições da *Educomunicação*. Assim, abordamos primeiramente a pedagogia crítica da leitura proposta por Freire (2009); em seguida, a relação entre mídia e educação, refletindo sobre a importância da leitura de textos jornalísticos no ambiente escolar, problematizando alguns aspectos do papel social dos gêneros jornalísticos.

À priori, pensar em leitura crítica no Brasil é obrigatoriamente se remeter à obra de Paulo Freire. O autor trouxe inúmeras contribuições para o contexto pedagógico, como o resgate da experiência de vida do aluno e a premissa da necessidade do comprometimento ético e político do professor com a justiça e a liberdade. Outro ponto marcante de sua obra foi a indicação da relação de distanciamento crítico a partir da relação com a escrita, possibilitando, assim, a problematização da realidade vivida. No entanto, o ponto central para as reflexões que são

aqui desenvolvidas a partir da criação de um jornal em contexto escolar, se concentram na desnaturalização de representações que geram desigualdade e exploração. Freire (2019) trata da leitura crítica da realidade como um importante instrumento de conscientização, que perpassa a alfabetização e práticas políticas de mobilização e de organização.

Nesse contexto, mediante a interseção entre mídia e educação, cada vez mais recorrente, surge uma nova área de estudos: a *Educomunicação*. Ismar de Oliveira Soares (2004) define a *educomunicação* como o conjunto de ações capazes de integrar os meios de comunicação às práticas educativas. Para Citelli (2004, p. 15):

a influência dos meios comunicacionais na sociedade estimulou um aumento de trabalhos, pesquisas e iniciativas práticas relacionadas à interface educação-comunicação, o que levou à criação de novas linhas de pesquisa nas universidades, congressos, encontros, publicações e atividades de capacitação de docentes de ensino-médio e fundamental (Citelli, 2004, p. 15).

Nesse sentido, o Jornal Escolar por ser considerado um meio de comunicação e uma alternativa eficiente para ser utilizado como instrumento pedagógico. Isso porque oferece “possibilidades primordiais para o contexto escolar, como atualidade e diversificação de conteúdos; interdisciplinaridade; linguagem acessível e caráter documental dos fatos registrados”. (Diniz, 2004, p. 54)

Assim, o Jornal Escolar ainda serve ao propósito de ser um instrumento estimulador e desmistificador do processo de leitura e escrita. Escritos, em sua maioria, em linguagem direta e simples, esses veículos estimulam o hábito de leitura. Diniz (2004) ressalta o caráter de formação cidadã do uso de jornais em sala de aula, ao afirmar que,

ao usar o jornal como material didático, o professor estará

aproximando a escola do mundo que a cerca. Apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler. Ele elege a reportagem, seção ou coluna que mais desperta seu interesse naquele momento. E esta seleção, em si, já implica em posicionamento crítico, participativo, denotando liberdade democrática de escolha (Diniz, 2004, p. 138).

Entretanto, o autor atenta para a importância do jornal ser introduzido em sala de aula de modo consciente e planejado, na medida em que torna-se necessário que os/as professores/as

[...] compreendam a efetiva dimensão do jornal enquanto veículo processador e divulgador de informação. A mera inserção de artigos, reportagens ou outros textos extraídos de jornais junto às apostilas ou nos livros didáticos não significa que se está utilizando plenamente este veículo como ferramenta didática de incentivo à leitura, pois então faltaria justamente o seu componente mais poderoso, que é a capacidade de contextualização (Diniz, 2012, p. 4).

Para sustentar tal ideia, o jornal (impresso e/ou virtual) é um exemplo de meio pedagógico educacional que efetivamente se engaja em práticas sociais, ao atender às necessidades de jovens em desenvolvimento de leitura, escrita e compreensão de textos.

Considerando que vivemos em uma sociedade dinâmica e de rápido avanço tecnológico na era digital, compreendemos que “no mundo da mídia, no mundo da comunicação, no mundo da publicidade, da cultura de massa” (Moraes, 2003, p. 243), a introdução da Internet possibilitou o acesso simultâneo e global à informação e a interação, o que alterou as relações sociais. Como resultado, a sobrecarga de informações na Internet pode servir para desinformar em vez de informar.

Nessa perspectiva, a didática contemporânea não pode fechar os olhos para tal avanço tecnológico, na medida em que o processo de expansão midiática gera a necessidade de novos métodos de ensino – principalmente no tocante aos cursos técnicos-profissionalizantes –, pois, devido ao surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação, tornou-se necessário desenvolver métodos de compartilhamento de conhecimento que estimulem a comunidade estudantil a ler o mundo inteiro, ou o que Demo (2010) chamou de “Century skills XXI”. Desse modo, uma variedade de mídias apoia a educação moderna, fornecendo uma diversidade de ferramentas de ensino/aprendizagem.

Sobre o uso de jornais nas escolas, o professor Céléstin Freinet introduziu o jornalismo escolar em meados da década de 1920 como uma nova atividade de lazer para os/as estudantes. Um dos símbolos de sua pedagogia era a publicação de um jornal estudantil. O objetivo da cooperação de Freinet com a imprensa escolar era proporcionar experiências de acordo com os interesses do/a aluno/a.

Vale a pena notar que a construção de um jornal escolar permite que os/as estudantes pratiquem suas habilidades linguísticas enquanto escolhem fatos importantes para construir conhecimento a partir de textos de notícias, por exemplo. Nesse intento, a capacidade dos/as estudantes de comunicarem as suas opiniões e os conhecimentos adquiridos no processo educativo, em diálogo com leituras e discussões, estimula-os/as a serem responsáveis e a cooperarem em projetos individuais e em grupo. Além disso, possibilita a comunicação e articulação entre o ambiente do/a estudantes e as disciplinas acadêmicas desenvolvidas em sala de aula.

Para Carvalho (2007), a dinâmica do poder na produção de subjetividade através dos meios de comunicação - a mídia - seja ela impressa ou eletrônica, desempenha um papel no relevante que determina o

que é certo e o que é errado, ou seja, um rumo para o homem moderno. Todos os processos de individualização do sujeito são promovidos pela sociedade. É uma máquina que dá sinais do que é verdadeiro e do que é falso. (Carvalho, 2007, p. 160)

Pensando nisso, o criador do termo “sociedade do espetáculo”, definiu espetáculo como um conjunto de relações sociais mediadas por imagens e como tal critica a sociedade capitalista que controla a subjetividade do indivíduo, também conhecida como Sociedade de Controle e Sociedade de Consumo, comprovando a hipótese de que a mídia também é responsável pela formação incapacitante do sujeito (Débord, 1967). Através da expansão da mídia, a sociedade do entretenimento nos transforma em consumidores passivos e replicadores do sistema capitalista.

Outro agravante, segundo Caldas (2012), diz respeito ao baixo nível de compreensão, interpretação e reflexão que os/as estudantes alcançam quando utilizam sistemas de avaliação como o ENEM. É necessário que o/a estudante seja capaz de ler bem, pois é uma habilidade essencial para a aprendizagem. Segundo Silva (2002):

Ler é, antes de tudo, compreensão. Diz-se que ao ler, o leitor tenta entender o mundo. De fato, o objetivo principal da leitura é entender os significados que foram esclarecidos ou perpetuados pelo discurso escrito, ou, dito de outra forma, entender as perspectivas que foram apresentadas por um determinado autor em uma determinada obra (Silva, 2002, p. 35).

À luz desta sociedade, é responsabilidade de professores/as e estudantes desenvolverem práticas de leitura crítica em sala de aula, entendendo as dinâmicas de poder implícita e explicitamente expressas no discurso, promovendo uma cultura de comunicação.

Ler uma variedade de fontes, especialmente a fim de produzir jornais em sala de aula e dialogar com os/as estudantes, permite que os/as professores/as entendam o contexto social em que estão imersos, enxergando como as influências do ensino são reveladas e percebendo como o conteúdo de aprendizagem é aplicado, possibilitando, assim, um maior engajamento dos/as estudantes.

A respeito do trabalho com o jornal escolar, Ijuim (2002) destaca a amplitude desta estratégia, considerando-a mais do que uma simples ferramenta de ensino, e pontua: “o jornal escolar é um veículo rico nos processos de relacionamento humano, na medida em que pode transcender a eficiência e a eficácia sonhada pela Modernidade, para constituir-se em vivências para o ser humano” (Ijuim, 2002, p.38), ou seja, superando as noções de produtividade da lógica capitalista, o processo de criação de um Jornal Escolar pode colaborar para a humanização dos/as estudantes.

A perspectiva da Educomunicação compreende o Jornal Escolar não como mero instrumento, mas enquanto espaço de discussão e problematização da realidade, assim como meio fundamental para a ampliação do conhecimento de gêneros e da mídia. Para Elias (2004, p. 03), “um jornal não vive só dos episódios acontecidos no dia anterior, mas também da discussão, do debate e da análise de fatos e/ou situações que estão acontecendo, já aconteceram ou que possam acontecer”. Desse modo, existem muitos tipos de jornais, cada um destinado a um público diferente, com intenções também diferentes.

Concordamos com os apontamentos acima acerca das possibilidades do trabalho junto ao Jornal Escolar, principalmente na questão relativa à flexibilidade da mídia a ser produzida, de acordo com o perfil do público leitor e dos idealizadores do jornal; além da importância do debate e da reflexão sobre fatos atuais através da leitura de diversos

textos jornalísticos na sala de aula. Outro ponto importante se refere à diversidade de jornais e sua intencionalidade, visto que temos no Brasil, conforme nos lembra Baltar (2010), poucas famílias que controlam a indústria de mídia do país e as vozes que se opõem às posições defendidas por esses grupos dominantes encontram pouco ou nenhum eco. Desse modo, mais do que simplesmente identificar o tipo de mídia e seu público alvo, é essencial que se discuta aspectos relacionados ao papel e responsabilidade da mídia na sociedade.

“Leitura do mundo, leitura da palavra”: por uma pedagogia decolonial no ensino de leitura

A proposta de criação de um jornal escolar empreendida neste trabalho se alinha com práticas libertárias e decoloniais no ensino de línguas, refletindo as ideias de autores como Fanon (2008), Quijano (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2008). Através da promoção de uma educação que valoriza a diversidade cultural e o respeito às diferentes vozes e perspectivas, o jornal escolar não apenas instiga os/as estudantes a serem consumidores críticos de informações, mas também os incentiva a se tornarem agentes de mudança social.

A abordagem *decolonial*, em particular, enfatiza a importância de desafiar as estruturas de poder e os padrões eurocêntricos de conhecimento, reconhecendo a validade das diferentes epistemologias e experiências culturais. O jornal escolar, ao permitir que os/as estudantes compartilhem suas histórias, opiniões e perspectivas, contribui para a descolonização do currículo e para a construção de uma educação mais inclusiva e emancipatória. Portanto, sua relevância transcende a mera alfabetização mediática, abrangendo uma dimensão mais ampla de empoderamento e transformação social.

Para Carvalho (2007),

a dinâmica do poder na produção de subjetividade através dos meios de comunicação - a mídia - seja ela impressa ou eletrônica, desempenha um papel no relevante que determina o que é certo e o que é errado, ou seja, um rumo para o homem moderno. Todos os processos de individualização do sujeito são promovidos pela sociedade. É uma máquina que dá sinais do que é verdadeiro e do que é falso (Carvalho, 2007, p. 160).

O autor destaca a influência poderosa da mídia na construção da subjetividade e na definição de padrões morais e comportamentais na sociedade moderna. Essa dinâmica de poder na produção de subjetividade é um tópico central nas discussões contemporâneas sobre comunicação e mídia. Autores como Foucault, na obra *Vigiar e Punir*, por exemplo, publicada em 1977, argumentam que o poder não é apenas exercido de cima para baixo por instituições e autoridades, mas também se manifesta de maneira difusa e internalizada nas mentes das pessoas.

A mídia desempenha um papel fundamental nesse processo, moldando as percepções individuais e coletivas da realidade e influenciando as normas sociais. Como Carvalho (2007) observa, a mídia atua como uma “máquina” que sinaliza o que é considerado verdadeiro e falso, certo e errado. Isso não apenas molda as opiniões das pessoas, mas também afeta sua identidade e seus valores.

Nesse contexto, torna-se fundamental promover uma educação midiática e a leitura crítica da mídia nas escolas. Os jornais escolares desempenham um papel importante ao permitir que os/as estudantes explorem e analisem as mensagens veiculadas pela mídia, questionem narrativas dominantes e desenvolvam a capacidade de discernir *informações* confiáveis de *desinformação*.

Além disso, a abordagem crítica da mídia também está alinhada com os princípios da *educação libertária* e *decolonial* mencionados anteriormente. Ao capacitar os/as estudantes a questionar e desafiar o poder da mídia, os jornais escolares contribuem para uma educação que promove a *autonomia*, a *emancipação* e a *conscientização*, permitindo que os/as estudantes se tornem cidadãos críticos e ativos em uma sociedade cada vez mais mediada pela comunicação.

A análise de Guy Debord sobre a “sociedade do espetáculo” e suas críticas à mídia têm implicações significativas para o ensino de linguagem e para a perspectiva decolonial. Debord (1967) argumenta que o espetáculo, composto por imagens e relações sociais mediadas por elas, controla a subjetividade dos indivíduos na sociedade capitalista. Isso implica que a mídia desempenha um papel fundamental na construção de narrativas e na disseminação de ideologias que perpetuam o sistema de consumo e o poder dominante.

Do ponto de vista educacional, essa compreensão destaca a importância de promover a leitura crítica da mídia, não apenas para desafiar a influência opressora da sociedade de consumo, mas também para capacitar os/as estudantes a se tornarem sujeitos ativos na construção de suas próprias narrativas e identidades.

Além disso, essa abordagem também se alinha com os princípios da decolonialidade, que buscam questionar e dismantelar estruturas de poder coloniais e eurocêntricas. O entendimento de que a mídia desempenha um papel na reprodução de sistemas de opressão torna-se relevante ao discutir como as linguagens e as narrativas são usadas para controlar e marginalizar certos grupos sociais.

Assim, o ensino de linguagem deve ir além do mero domínio técnico da escrita e da leitura e abraçar uma abordagem crítica que permita aos/as estudantes questionar as mensagens veiculadas pela mí-

dia, reconhecer o poder das narrativas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, os jornais escolares podem desempenhar um papel importante ao fornecer um espaço para que os/as estudantes expressem suas vozes e desafiem as narrativas dominantes.

A relação entre escrita, mídia e educação, considerando, ainda, de forma correlacionada, os pressupostos de Quijano (2005), é uma questão crucial no contexto da *Educomunicação*. A escrita desempenha um papel fundamental na construção de conhecimento e na capacitação dos/as estudantes para participarem ativamente na sociedade. Quijano (2005), nesse sentido, argumenta que a modernidade colonial estabeleceu hierarquias de poder que continuam a afetar as dinâmicas sociais e culturais até hoje.

Outrossim, a Educomunicação busca promover uma abordagem crítica à escrita e à mídia, capacitando os/as estudantes a ler, interpretar e refletir sobre textos de maneira significativa. O baixo nível de compreensão e interpretação, mencionado por Caldas (2012), é um desafio a ser superado através de práticas educacionais que valorizem a leitura crítica e a escrita como ferramentas de emancipação.

Levando-se em conta O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), temos um exemplo de sistema de avaliação que exige habilidades de leitura e escrita dos/as estudantes. No entanto, tais práticas sociais vão bem além da mera decodificação de palavras; envolve a compreensão do contexto, a análise crítica das informações e a capacidade de formular argumentos sólidos, corroborando com o que Silva (2002) ressalta quando propõe que ambas são habilidades essenciais para a aprendizagem, e a Educomunicação busca fortalece-las capacitando os/as estudantes a se tornarem leitores críticos e escritores competentes.

Ler é, antes de tudo, compreensão. Diz-se que ao ler, o leitor tenta entender o mundo. De fato, o objetivo principal da leitura é entender os significados que foram esclarecidos ou perpetuados pelo discurso escrito, ou, dito de outra forma, entender as perspectivas que foram apresentadas por um determinado autor em uma determinada obra (Silva, 2002, p. 35).

Portanto, a relação entre *escrita, mídia e educação*, à luz das reflexões de Quijano (2005) sobre as dinâmicas coloniais, destaca a importância da Educomunicação como uma abordagem que busca desafiar as estruturas de poder opressoras, promovendo a emancipação dos/as estudantes por meio da leitura crítica e da escrita consciente.

À luz desta sociedade, é responsabilidade de professores/as e estudantes desenvolverem práticas de leitura crítica em sala de aula, entendendo as dinâmicas de poder implícita e explicitamente expressas no discurso, promovendo uma cultura de comunicação.

Como destaca Ismar de Oliveira Soares (2016), a educomunicação desempenha um papel crucial nesse contexto, proporcionando ferramentas para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Ler uma variedade de fontes, especialmente a fim de produzir jornais em sala de aula e dialogar com os/as estudantes, permite que os/as professores/as entendam o contexto social em que estão imersos, enxergando como as influências do ensino são reveladas e percebendo como o conteúdo de aprendizagem é aplicado, possibilitando, assim, um maior engajamento dos/as estudantes.

A respeito do trabalho com o jornal escolar, nesse contexto, Ijuim (2002) destaca a amplitude desta estratégia, considerando-a mais do que uma simples ferramenta de ensino, e pontua: “o jornal escolar é um veículo rico nos processos de relacionamento humano, na medida em que pode transcender a eficiência e a eficácia sonhada pela Modernida-

de, para constituir-se em vivências para o ser humano” (IJUIM, 2002, p.38), ou seja, superando as noções de produtividade da lógica capitalista, o processo de criação de um jornal escolar pode colaborar para a humanização dos/as estudantes. Nessa perspectiva, autores como Boaventura de Sousa Santos (2008) e Frantz Fanon (2008), ao abordarem as questões de descolonização e emancipação, ressaltam a importância de práticas pedagógicas que valorizem as vivências e conhecimentos locais, contribuindo para uma educação inclusiva e emancipatória.

O jornal escolar, ao permitir a expressão das vozes dos/as estudantes e a reflexão sobre suas realidades, alinha-se com os princípios da pedagogia decolonial, promovendo uma educação mais humanizada e comprometida com a justiça social. A perspectiva da *Educomunicação* compreende o jornal escolar não como mero instrumento, mas enquanto espaço de discussão e problematização da realidade, assim como meio fundamental para a ampliação do conhecimento de gêneros e da mídia. Para Elias (2004, p. 03), “um jornal não vive só dos episódios acontecidos no dia anterior, mas também da discussão, do debate e da análise de fatos e/ou situações que estão acontecendo, já aconteceram ou que possam acontecer”. Desse modo, existem muitos tipos de jornais, cada um destinado a um público diferente, com intenções também diferentes.

Corroboramos com os apontamentos acima acerca das possibilidades do trabalho junto ao jornal escolar, principalmente na questão relativa à flexibilidade da mídia a ser produzida, de acordo com o perfil do público leitor e dos idealizadores do jornal; além da importância do debate e da reflexão sobre fatos atuais através da leitura de diversos textos jornalísticos na sala de aula. Outro ponto importante se refere à diversidade de jornais e sua intencionalidade, visto que temos no Brasil, conforme nos lembra Baltar (2010), poucas famílias que controlam

a indústria de mídia do país e as vozes que se opõem às posições defendidas por esses grupos dominantes encontram pouco ou nenhum eco.

Desse modo, mais do que simplesmente identificar o tipo de mídia e seu público-alvo, é essencial que se discuta aspectos relacionados ao papel e responsabilidade da mídia na sociedade. Autores como Boaventura de Sousa Santos (2008) e Aníbal Quijano (2005), ao abordarem a questão da *colonialidade* e do *poder* na produção de subjetividade, destacam a importância de se questionar e problematizar as narrativas hegemônicas veiculadas pela mídia, buscando promover uma perspectiva mais plural e crítica no processo educacional. O jornal escolar, ao fomentar o debate sobre a mídia e suas influências, contribui para uma educação que considera as complexidades da sociedade contemporânea e busca a descolonização das mentes e das narrativas.

Diante do exposto, torna-se evidente que o jornal escolar desempenha um papel crucial na promoção da leitura e escrita crítica, na formação de cidadãos conscientes e na reflexão sobre a influência da mídia na sociedade. No entanto, para explorar mais profundamente essas questões e compreender como o jornal escolar pode ser eficaz na educação emancipatória, é fundamental direcionar nosso olhar para os resultados e discussões dessa pesquisa.

A partir de uma abordagem que integra as perspectivas de autores como Paulo Freire, Ismar Soares, Boaventura de Sousa Santos e outros que destacam a importância da decolonialidade e da Educomunicação, esta pesquisa busca analisar como o jornal escolar pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para desenvolver a leitura crítica e a consciência social entre os/as estudantes. Nas próximas seções, exploraremos detalhadamente a metodologia adotada e os procedimentos de coleta e análise de dados contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente dessa temática e suas implicações no contexto educacional brasileiro.

Resultados e discussão

Na condução da pesquisa elegemos, para o presente estudo de caso, dois estudantes matriculados no Ensino Médio Técnico-Profissionalizante de uma instituição pública federal em Itaporanga, na Paraíba. O método empregado incluiu a observação participante, a aplicação de um questionário e a análise das produções individuais dos/das estudantes. Esse conjunto de técnicas permitiu investigar o impacto da produção do jornal na compreensão e construção do conhecimento sobre leitura. Quando questionados sobre **o que a leitura representa para eles**, os/as estudantes expressaram suas visões:

Resposta 1: Vejo a leitura como um processo complexo que vai além da simples decodificação de palavras. É uma atividade que envolve interpretação e compreensão, contribuindo para a ampliação do conhecimento, a exploração de diferentes perspectivas e o desenvolvimento de habilidades críticas de análise e reflexão (**Fernando**).

Resposta 2: Para mim, a leitura é como abrir portas para um mundo. É uma jornada de descobertas e aprendizados, proporcionando conexões com diversas culturas, ideias e emoções. Através da leitura, expandimos nossa visão de mundo e enriquecemos nossa bagagem intelectual (**Ruth**).

Ambos os estudantes, **Ruth e Fernando**, expressam visões bastante positivas e abrangentes sobre o papel da leitura em suas vidas, destacando aspectos como interpretação, compreensão, ampliação do conhecimento, exploração de diferentes perspectivas, desenvolvimento de habilidades críticas, descobertas, aprendizados, conexões culturais, enriquecimento intelectual e expansão da visão de mundo.

Embora tenham focado em aspectos diferentes, **Ruth e Fernando** experimentaram um impacto significativo em suas práticas de leitura devido à sua participação no *Jornal ITA*, embora tenham focado em aspectos diferentes.

Para **Ruth**, a leitura é uma “jornada de descobertas e aprendizados” que “abre portas para um mundo”. Ela destaca a conexão com diversas culturas, ideias e emoções, o que indica uma forte ênfase na ampliação de horizontes e na compreensão empática de diferentes realidades.

Sua experiência com o *Jornal ITA* parece ter proporcionado uma exposição a uma variedade de conteúdos, notícias e perspectivas. Isso contribuiu para ampliar sua visão de mundo, enriquecendo sua bagagem intelectual e fortalecendo sua capacidade de compreender e se conectar com diferentes contextos.

A diversidade de conteúdo do jornal possibilitou a **Ruth** explorar novos horizontes, desenvolvendo empatia e compreensão em relação a realidades diversas, o que é fundamental para uma visão mais ampla e inclusiva.

Já para **Fernando**, a leitura é um processo complexo que vai além da decodificação de palavras, envolvendo análise e interpretação. Ele ressalta a ampliação do conhecimento e a exploração de diferentes perspectivas como benefícios da leitura, indicando um enfoque mais crítico e analítico.

Sua participação no *Jornal ITA* parece ter aprimorado suas habilidades de análise e interpretação de textos, permitindo-lhe explorar temas variados e aprofundar seu entendimento sobre diferentes assuntos. Ele também desenvolveu habilidades críticas de avaliação de informações, essenciais em um mundo complexo e informativo.

A experiência de **Fernando** com o jornal o levou a compreender a leitura como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de uma

visão crítica e reflexiva do mundo ao seu redor, contribuindo para sua capacidade de navegar em contextos complexos e multidimensionais.

Em um *segundo momento* perguntamos de que forma **a leitura pode ajudar a expandir a suas visões de mundo:**

Resposta 1: acredito que a leitura é uma poderosa ferramenta para expandir nossa visão de mundo. Ela vai muito além da simples decodificação de palavras; envolve interpretação, compreensão e reflexão crítica. Ao ler, somos expostos a diferentes realidades, perspectivas e ideias, o que nos permite ampliar nossos horizontes e desenvolver uma compreensão mais profunda e abrangente do mundo ao nosso redor. A leitura nos ajuda a explorar novos temas, a entender melhor as complexidades da sociedade e a refletir sobre questões importantes. Ela também contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas de análise, avaliação e pensamento independente, capacitando-nos a tomar decisões informadas e a formar opiniões fundamentadas. Em resumo, a leitura é uma jornada enriquecedora que nos permite expandir nossa visão de mundo de maneiras inimagináveis **(Fernando)**.

Resposta 2: a leitura nos permite mergulhar em diferentes culturas, ideias e emoções, proporcionando uma jornada de descobertas e aprendizados constantes. Ao ler, conseguimos nos conectar com pessoas e realidades distantes, desenvolvendo empatia, compreensão e tolerância. A diversidade de conteúdos disponíveis na leitura nos estimula a explorar novos horizontes, a questionar nossas próprias crenças e a ampliar nossa bagagem intelectual. A leitura nos leva a refletir sobre questões complexas e a ver o mundo sob diversas perspectivas, enriquecendo assim nossa visão de mundo e nossa capacidade de compreender a complexidade da vida **(Ruth)**.

A perspectiva de Bakhtin sobre a leitura enfatiza o papel ativo do leitor no processo de interpretação e compreensão dos textos, consi-

derando a leitura como um diálogo entre diferentes vozes e pontos de vista. Ao analisar as respostas de **Fernando e Ruth** à pergunta sobre como a leitura expande suas visões de mundo, podemos identificar elementos que refletem essa visão bakhtiniana:

Fernando enfatiza que a leitura vai além da decodificação de palavras, envolvendo interpretação, compreensão e reflexão crítica. Ele destaca a exposição a diferentes realidades, perspectivas e ideias proporcionada pela leitura. Esse aspecto está alinhado com a ideia de Bakhtin de que a leitura nos permite participar de um diálogo cultural mais amplo, onde diferentes visões de mundo são discutidas e contestadas.

Por outro lado, **Ruth** destaca que a leitura é uma jornada de descobertas e aprendizados constantes, conectando-nos com diversas culturas, ideias e emoções. Ela ressalta que a diversidade de conteúdos disponíveis na leitura nos estimula a questionar nossas próprias crenças e a ampliar nossa bagagem intelectual. Essa abordagem está em consonância com a visão de Bakhtin de que a leitura nos desafia a reavaliar nossas perspectivas e a considerar diferentes pontos de vista.

Assim, tanto **Fernando** quanto **Ruth** percebem a leitura como um processo dinâmico e enriquecedor que nos conecta com diferentes visões de mundo, estimula a reflexão crítica e nos desafia a considerar a complexidade da vida e da sociedade. Essas ideias refletem a perspectiva *bakhtiniana* sobre a leitura como um diálogo ativo e polifônico, onde múltiplas vozes e perspectivas coexistem e interagem para enriquecer nossa compreensão do mundo.

Em um **terceiro momento**, questionamos **qual é o maior benefício que a leitura pode trazer:**

Resposta 1: O maior benefício que a leitura pode trazer, para mim, é a capacidade de descolonizar nossas mentes e visões de mundo. A leitura nos permite acessar vozes, narrativas e conhe-

cimentos que desafiam as estruturas dominantes e coloniais de pensamento. Ao explorarmos autores e conteúdos que representam diferentes culturas, experiências e perspectivas, estamos desmantelando as narrativas hegemônicas e ampliando nosso entendimento sobre as complexidades das relações sociais, históricas e culturais. A leitura, então, se torna uma ferramenta poderosa para a descolonização do conhecimento, o questionamento das hierarquias e a construção de uma visão de mundo mais inclusiva e emancipatória (**Fernando**).

Resposta 2: O maior benefício da leitura reside na possibilidade de desconstruir as narrativas coloniais e reconstruir narrativas plurais e diversas. A leitura nos permite mergulhar em perspectivas marginalizadas, vozes silenciadas e histórias não contadas, capacitando-nos a compreender e questionar as estruturas de poder e dominação. Ao acessarmos autores e conteúdos que representam a diversidade humana, estamos contribuindo para a descolonização do saber, a valorização de conhecimentos subalternizados e a construção de um mundo mais justo e equitativo. Assim, a leitura se torna uma ferramenta essencial para a resistência, a transformação e a criação de futuros mais plurais e democráticos (**Ruth**).

Fernando, ao mencionar que a leitura pode descolonizar nossas mentes ao acessar vozes e narrativas que desafiam as estruturas coloniais de pensamento, alinha-se com a visão de Mignolo (2005) sobre a necessidade de desconstruir a colonialidade do saber. Sua abordagem também ecoa a proposta de Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre a importância de uma epistemologia do Sul que valorize diferentes formas de conhecimento e sabedoria não ocidentais.

Da mesma forma, **Ruth** destaca que a leitura pode contribuir para desconstruir narrativas coloniais e reconstruir narrativas plurais e diversas, alinhando-se com a visão de Mignolo (2005) sobre a descolonização do conhecimento e a valorização de saberes marginalizados. Sua

ênfase na construção de um mundo mais justo e equitativo também ressoa com a proposta de Boaventura de Sousa Santos (2008) sobre a necessidade de um pluralismo epistemológico que reconheça a diversidade de perspectivas e saberes.

Mignolo (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2008) argumentam a favor de uma abordagem decolonial que desafia as estruturas dominantes de conhecimento e valoriza a diversidade de perspectivas e saberes. Eles destacam a importância de desconstruir narrativas coloniais e dar voz a conhecimentos subalternizados, contribuindo assim para a construção de uma visão de mundo mais justa e inclusiva.

Em síntese, as respostas de **Fernando e Ruth** sobre os benefícios da leitura estão alinhadas com as perspectivas sobre a decolonialidade, destacando a leitura como uma ferramenta poderosa para a descolonização do conhecimento, a valorização de perspectivas plurais e a construção de uma sociedade mais inclusiva e emancipatória.

As contribuições teóricas da Educomunicação por Soares (2011) e Xavier (2020) enfatizam a integração entre educação e comunicação, a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento e a importância da reflexão crítica e da apropriação crítica da mídia. Ao analisarmos as respostas dos questionários sobre a **leitura** como uma ferramenta para expandir visões de mundo e como maior benefício, vemos como esses princípios se manifestam:

Fernando percebe a leitura como uma poderosa ferramenta para desenvolver uma visão crítica e reflexiva do mundo, destacando a importância da interpretação, compreensão e reflexão crítica na leitura. Sua visão está alinhada com a educomunicação de Soares (2001), que enfatiza a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento, e com a proposta de Xavier (2020) sobre a importância da apropriação crítica da mídia.

Por outro lado, **Ruth** vê a leitura como uma jornada de descobertas constantes, conectando-se com diferentes culturas e perspectivas, ampliando a bagagem intelectual e a capacidade de reflexão sobre questões complexas. Sua abordagem reflete a educomunicação de Soares ao valorizar as experiências e vozes dos participantes e também se relaciona com a proposta de Xavier (2020) sobre a necessidade de uma educação midiática que promova a reflexão crítica e a participação social.

Assim, as respostas de **Fernando e Ruth** evidenciam como a leitura, quando vista sob a perspectiva da educomunicação, se torna uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de uma visão crítica, reflexiva e participativa do mundo, capacitando os indivíduos a compreenderem e atuarem de forma crítica na sociedade contemporânea. Essa análise ressalta a importância da Educomunicação como um campo teórico-prático relevante para promover uma educação mais inclusiva, participativa e reflexiva.

As respostas dos questionários sobre a leitura também refletem as contribuições teóricas da teoria dialógica da linguagem. **Fernando** destaca a interpretação e compreensão crítica na leitura, alinhando-se à ideia de dialogismo entre diferentes vozes na interpretação de textos. **Ruth** enfatiza a diversidade de conteúdos na leitura, o que estimula a reflexão sobre diferentes perspectivas, também em consonância com a visão de múltiplos discursos em interação.

Ambos percebem a leitura como um processo dinâmico de interação e troca de significados, onde o leitor dialoga com o texto e com diferentes vozes presentes nele. Essa perspectiva dialógica amplia a compreensão da leitura como um espaço rico em interpretações e significados diversos, contribuindo para uma visão mais abrangente do mundo e das experiências humanas.

Considerações pontuais, não finais

A experiência de trabalho com o jornal escolar ITA trouxe significativos impactos nas práticas de leitura dos estudantes, refletindo tanto aspectos decoloniais quanto a compreensão da interação da linguagem, conforme abordado ao longo deste artigo. A análise das respostas dos questionários revelou uma transformação profunda na maneira como os estudantes percebem e se relacionam com a leitura, destacando o papel fundamental do jornal como agente de mudança e ampliação de horizontes.

Em primeiro lugar, é notável o impacto decolonial na visão dos estudantes sobre a leitura. A percepção da leitura como uma ferramenta para descolonizar mentes e visões de mundo, como destacado por Fernando, evidencia a conscientização dos alunos sobre a importância de acessar vozes e narrativas que desafiam as estruturas coloniais de pensamento. A leitura, nesse sentido, torna-se uma poderosa aliada na desconstrução de narrativas hegemônicas e na construção de uma visão de mundo mais inclusiva e emancipatória.

Por outro lado, a compreensão da interação da linguagem também se destaca nas considerações dos estudantes. A ênfase na leitura como um processo de diálogo constante entre diferentes vozes e perspectivas, conforme observado nas respostas de Ruth, revela a internalização da visão dialógica da linguagem de Bakhtin (2003) e Volóshinov (2017). Os estudantes passam a enxergar a leitura como um espaço dinâmico de interação e troca de significados, onde múltiplas vozes coexistem e enriquecem a compreensão do mundo.

Além disso, as respostas dos estudantes evidenciaram uma ampliação das práticas de leitura para além da simples decodificação de pa-

lavras. A leitura passou a ser encarada como uma jornada enriquecedora de descobertas, aprendizados e conexões com diferentes culturas, ideias e emoções. Essa mudança de perspectiva demonstra a capacidade do trabalho com o jornal escolar em estimular a curiosidade, a reflexão crítica e a busca por conhecimentos diversos.

Em suma, o trabalho com o jornal ITA teve um impacto profundo e positivo nas práticas de leitura dos/as estudantes, proporcionando uma visão mais ampla e crítica do mundo, ao mesmo tempo em que fortaleceu a compreensão da linguagem como um processo dialógico e interativo. Essa experiência ressalta a importância de estratégias educacionais que valorizem a diversidade de vozes, promovam a desconstrução de paradigmas dominantes e incentivem a participação ativa dos/as estudantes na construção do conhecimento e da sociedade.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 261-306 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BALTAR, M. *Letramentos e gêneros textuais midiático-escolares*. Letras, Santa Maria, v. 20, n.40, jan./jun. 2010, p. 177-190

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019 [1967].

FREINET, Celéstin. *O Jornal Escolar*. Lisboa: Ed. Estampa, 1974.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

IJUIM, Jorge Kanehide. *Jornal e vivências humanas: um roteiro de viagem*. São Paulo. ECA/USP. Tese de doutorado, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005, p.118-142.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um discurso sobre as ciências*. 5ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

XAVIER, Manassés Moraes. *Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva*. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande, PB: EDUF-CG, 2020. 256p.

Recebido em: 24/03/2024

Aprovado em: 23/04/2024

Licenciado por

